

A CONSTRUÇÃO HEGEMÔNICA E OS SIGNIFICANTES VAZIOS QUE LEVARAM A EXTREMA-DIREITA AO PODER NO BRASIL

THE HEGEMONIC CONSTRUCTION AND THE EMPTY SIGNIFIERS EMPLOYMENTS THAT TAKEN THE EXTREME RIGHT TO POWER IN BRAZIL

LA CONSTRUCCIÓN HEGEMÓNICA Y LOS SIGNIFICANTES VACÍOS QUE TOMARON EL EXTREMO DERECHO AL PODER EN BRASIL

Arthur Lamounier Mendonça¹

Resumo: O populismo de extrema-direita é um movimento que tem crescido em vários países. Líderes políticos como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Jean-Marie Le Pen, entre outros, têm tomado a cena política e provocado um enfraquecimento na democracia com discursos que buscam criar um antagonismo na sociedade e propagar a ideia de totalidade de um grupo. A nova direita no Brasil utilizou-se de um discurso hegemônico para reunir a elite política e uma parcela da população contra a corrupção, universalizando problemas particulares. Este trabalho busca averiguar qual foi o significante vazio e o ponto nodal do discurso usado para aglutinar o “povo”. A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e alguns de seus teóricos servirão de base e de referência para analisar a situação atual do Brasil e o autoritarismo populista do presidente Bolsonaro. A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau servirá de base e de referência para analisar a construção do “povo” no populismo e os significantes vazios que passaram a representá-los. A metodologia utilizada pauta-se na pesquisa bibliográfica. Por fim, busca-se entender como o populismo conseguiu se estabelecer no Brasil a partir da lógica da equivalência e a lógica da diferença.

Palavras-chave: populismo; teoria do discurso; Escola de Frankfurt; extrema-direita.

Abstract: Right-wing populism is a movement that has grown in several countries. Political leaders such as Donald Trump, Jair Bolsonaro, Jean-Marie Le Pen, among others, have taken the political scene and provoked a weakening of democracy with speeches that seek to create an antagonism in society and propagate an idea of the totality of a group. The new right in Brazil used a hegemonic discourse to bring together the political elite and a portion of the population against corruption, universalizing particular problems. The work seeks to find out what was the empty signifier and the nodal point of the discourse used to unite the “people”. The Critical Theory of the Frankfurt School and some of its theorists will serve as a basis and reference to analyze the current situation in Brazil and the populist authoritarianism of President Bolsonaro. Ernesto Laclau's Discourse Theory will serve as a basis and reference to analyze the construction of the “people” in populism and the empty signifiers that came to represent them. The methodology used is based on bibliographical research. Finally, it seeks to understand how populism managed to establish itself in Brazil based on the logic of equivalence and the logic of difference.

Keywords: populism; discourse theory; Frankfurt School; far right.

¹ Graduando em Ciências Sociais e Filosofia na PUC – Minas. E-mail: arthurtabatule@gmail.com.

Resumen: El populismo de derecha es un movimiento que ha crecido en varios países. Líderes políticos como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Jean-Marie Le Pen, entre otros, han tomado el escenario político y provocado un debilitamiento de la democracia con discursos que buscan crear un antagonismo en la sociedad y propagar una idea de la totalidad de un grupo. La nueva derecha en Brasil utilizó un discurso hegemónico para unir a la élite política y una parte de la población contra la corrupción, universalizando problemas particulares. La obra busca descubrir cuál fue el significante vacío y el punto nodal del discurso utilizado para unir al “pueblo”. La Teoría Crítica de la Escuela de Frankfurt y algunos de sus teóricos servirán de base y referencia para analizar la situación actual en Brasil y el autoritarismo populista del presidente Bolsonaro. La Teoría del Discurso de Ernesto Laclau servirá de base y referencia para analizar la construcción del “pueblo” en el populismo y los significantes vacíos que llegaron a representarlo. La metodología utilizada se basa en la investigación bibliográfica. Finalmente, busca comprender cómo el populismo logró establecerse en Brasil a partir de la lógica de la equivalencia y la lógica de la diferencia.

Palabras-clave: populismo; teoría del discurso; Escuela de Frankfurt; extrema derecha.

INTRODUÇÃO

A Escola de Frankfurt teve sua origem na Alemanha na década de 1920, mas acabou se transferido para os Estados Unidos devido a ascensão do regime nazista. A proposta do grupo de intelectuais tinha inicialmente um teor marxista e depois passou a focar mais em uma crítica pautada em estudos filosóficos, chamada de Teoria Crítica. Apesar dos pensadores analisarem a sociedade em todos seus âmbitos — social, econômico, político e psicológico —, no presente artigo serão trabalhados, de forma específica, o ensaio de Max Horkheimer, *Egoism and Freedom Movements: On the Anthropology of the Bourgeois Era* e a contribuição de T. W. Adorno no livro *The Authoritarian Personality*. O primeiro disserta a respeito de ideias políticas populistas progressistas na sociedade burguesa e sua relação com o fascismo; o segundo é um estudo sobre a sociedade americana, a sua estrutura sociopsicológica e um padrão psicológico encontrado em um indivíduo autoritário que desenvolve uma ideologia fascista.

O populismo é um fenômeno antigo no Ocidente, além de ser muito controverso. Horkheimer (1993) no ensaio *Egoism and Freedom Movements: On the Anthropology of the Bourgeois Era* discorre sobre os primeiros movimentos populares e como a burguesia com um aparato cultural ideológico, procurou emancipar os seres humanos economicamente e introduzir uma liberdade absoluta nas suas vidas. A burguesia buscava uma nova ordem aliada com a força das massas para transpor os poderes feudais e impor seus interesses próprios. O populismo no Brasil teve início no governo de Getúlio Vargas (1930–1945), com

uma característica diferente de outros movimentos, pelo fato de procurar primeiramente expandir a economia nacional para depois fortalecer as camadas populares. Vargas implantou um governo autoritário e só permitiu eleições abertas em 1950, quando foi vencedor por causa dos programas políticos voltados principalmente para os trabalhadores.

A retórica populista tem sido usada com frequência em vários governos atualmente. Apresentando um discurso contra o *establishment*, ou seja, contra a elite, a velha política e a grande mídia. O caráter autoritário e reacionário de tais líderes tem ameaçado as normas liberais da democracia. Assim, eles atacam as instituições públicas para reafirmar seus ideais a favor do povo contra um suposto inimigo. O presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (2019), foi eleito com uma propaganda eleitoral baseada no ataque em oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT), o comunismo e a corrupção. Ele foi colocado no poder como um herói e um mito da nação com o apoio de grandes empresas, militares e igrejas evangélicas. Seu discurso consistia em reunir o povo legítimo com interesses em comuns e tradicionais: Deus, pátria, família e trabalho. Definindo-se a fronteira entre o povo e seus inimigos. Demarcada por significantes, o populismo autoritário de direita tem avançado no mundo contemporâneo. O objetivo deste trabalho será observar como surgiu e se desenvolveu tal fenômeno no Brasil, tendo como base as teorias de Ernesto Laclau.

ESCOLA DE FRANKFURT E O AUTORITARISMO POPULISTA DE DIREITA

Após Hitler ser nomeado chanceler na Alemanha, vários intelectuais saíram do país e buscaram abrigo em outras nações. A Escola de Frankfurt produziu muitos estudos voltados para a investigação do nazismo e fascismo. Max Horkheimer, em 1936, escreveu o ensaio *Egoism and Freedom Movements: On the Anthropology of the Bourgeois Era*, no qual ele analisa vários casos históricos e os líderes envolvidos para se ter um embasamento teórico sobre o autoritarismo populista. Horkheimer trata de mostrar como o domínio da burguesia modificou o estilo de vida das classes populares a seu favor, “as pessoas passam a ver umas às outras com crescente hostilidade e indiferença como indivíduos, famílias, grupos econômicos e classes” (1993, p. 52, tradução nossa)².

A nova ordem econômica buscava uma moralidade que apoiava seus objetivos em relação ao indivíduo, moldando assim seu comportamento, ou seja, “a expressão de seus interesses materiais que a moralidade buscava restringir neste ponto não era uma iniciativa

² “People come to view one another with increasing hostility and indifference as individuals, families, economic groups, and classes” (HORKHEIMER, 1993, p. 52, tradução nossa).

privada, mas uma ação comum: isso foi combatido ideologicamente por depreciar esses interesses” (HORKHEIMER, 1993, p. 55, tradução nossa)³. Como se observa, os valores e regras serviam para conter os ânimos da massa como um limite para equilibrar a competição e o egoísmo. Assim, enquanto o prazer material e sexual deveriam ser ignorados na vida social em prol do progresso, o racionalismo e o individualismo predominavam, tornando-os dispositivos de controle da ideologia burguesa, que tomou o lugar do pensamento religioso.

Horkheimer (1993) cita alguns líderes em momentos históricos e com condições socioeconômicas diferentes para verificar como os movimentos burgueses foram semelhantes na sua formação e na dominação das classes populares. Outro ponto em comum levantado é o discurso eloquente que invoca um lado objetivo-racional e um lado irracional-emocional dos indivíduos. O interesse da burguesia em derrubar a ordem vigente e deixar toda sociedade subordinada necessitava de: uma conjuntura que abrangia territórios independentes e com total soberania; mercados livres e com uma infraestrutura para melhor circulação de produtos; um conjunto de normas para proteger os negócios e submeter os indivíduos.

Os principais líderes destacados no texto de Horkheimer são Cola di Rienzo, que alcançou o poder em Roma com o auxílio da burguesia e da massa contra a nobreza local, porém o próprio povo tirou ele após as divergências de interesses e os altos impostos; Girolamo Savonarola, que teve o apoio da pequena burguesia em oposição a nobreza feudal na reforma do governo em Florença, alterou a constituição — com forte teor religioso e econômico —, privilegiando as corporações de famílias vinculadas com o comércio em ascensão. Mas a mobilização popular de Savonarola perdeu força e sua queda se tornar inevitável.

Alguns líderes consolidaram as virtudes burguesas com certos dogmas cristãos e utilizaram o sermão e as reuniões religiosas como ferramentas para se aproximarem e atingirem as massas. Martinho Lutero, na Alemanha, e João Calvino também podem ser considerados exemplos dessas lideranças em Genebra. Lutero tinha o esteio do povo, da nobreza e da burguesia em contraposição a Igreja Católica. Contudo, Lutero abandonou os interesses populares e beneficiou a burguesia, e até mesmo a nobreza, na Reforma. Calvino supervalorizava os ideais da burguesia e da aristocracia, apesar de pregar a independência do indivíduo econômica, ideológica e culturalmente.

³ “The expression of their material interests that morality sought to restrict at this point was not private enterprise but common action: this was fought against ideologically by disparaging those interests” (HORKHEIMER, 1993, p. 55, tradução nossa).

Os Reformadores conferiram assim aos indivíduos a independência ideológica a que estavam destinados pela transformação da realidade, uma independência, porém, que se revelou abstrata e amplamente imaginária, restringida na prática pela economia que é mantida, mas não mantida sob controle por seres humanos e, em teoria, pelos atos da graça de um Deus inescrutável, projetado por seres humanos, mas considerado autônomo. O progresso cultural das massas iniciadas pelos Reformadores estava diretamente conectado com uma formação muito mais ativa dos indivíduos do que era usual com o antigo clero. (HORKHEIMER, 1993, p. 82-83, tradução nossa)⁴.

A proposta da Reforma compreendia mais internalizar e espiritualizar os valores morais e religiosos nas classes populares do que propriamente uma mudança social. A revolução cultural era de extrema importância para burguesia expandir seu mercado, criar instituições favoráveis à sua causa e manter um controle das massas.

A Revolução Francesa teve líderes importantes que motivaram as massas raivosas. Maximilien de Robespierre foi um personagem que mobilizou uma grande massa com seus princípios e práticas ascéticas, porém, devido à alta de preços, os limites salariais e o desequilíbrio econômico, ele perdeu credibilidade e acabou morto na guilhotina. O problema de Robespierre era o radicalismo moral indo contra a massa e o direito a existência do indivíduo sendo o princípio norteador do direito à propriedade, tendo assim um direito submetido ao outro; fato que incomodou alguns setores da burguesia (HORKHEIMER, 1993).

O fator em comum de todos os líderes citados expressa-se na aura fantástica e no jeito fascinante que provoca os afetos dos indivíduos, a performance aliada ao simbolismo, a bipolaridade incentivada por eles entre a elite dominante e o povo, a adesão de fundamentos religiosos para afirmar sua dominação, os valores morais e as virtudes intitulados burgueses para conter as massas, a influência na predisposição anti-intelectual dos movimentos populares, apesar dos ideais racionais e progressistas dos líderes, a reivindicação da justiça, liberdade e igualdade. Os movimentos populistas burgueses foram se transformando, perdendo algumas características e ganhando outras no decorrer dos anos, tendo forte importância nos movimentos populistas de direita autoritário na Europa.

⁴ The Reformers thus bestowed upon individuals the independence in ideology to which they were destined by the transformation of reality an independence, however, that turned out to be abstract and largely imaginary, curtailed in practice by the economy which is kept up but not kept under control by human beings, and in theory by the acts of grace of an inscrutable God who is designed by human beings but regarded as autonomous. The cultural progress of the masses initiated by the Reformers was directly connected with a much more active shaping of individuals than was usual with the old clergy (HORKHEIMER, 1993, p. 82-83, tradução nossa).

A pesquisa empírica teórica interdisciplinar que permeava a Escola de Frankfurt foi utilizada em um projeto com vários pesquisadores, entre eles Theodor W. Adorno, que investigava perfis psicológicos da sociedade americana. Foram feitos questionários e exames clínicos individuais mais aprofundados, com intuito de encontrar uma ideologia preconceituosa e uma inclinação fascista manifesta ou latente na personalidade dos entrevistados. Os pesquisadores estabeleceram quatro escalas diferentes para enquadrar os indivíduos: a escala de Antissemitismo (AS), a escala de Etnocentrismo (E), a escala de Conservadorismo-Político-Econômico (PEC) e a escala de Fascismo (F)⁵.

A escala F tem maior relevância e importância no trabalho e está vinculada a ideia de autoritarismo e de um indivíduo potencialmente⁶ fascista. Ela é baseada em nove características: convencionalismo, expressa-se na forte afinidade e no apoio as normas habituais da classe média; submissão autoritária, comportamento acrítico e servil em relação à autoridade do grupo; agressão autoritária, atitude que consiste em vigiar, condenar e atacar os indivíduos que infringem os valores morais; anti-intracepção, atuação negativa contra o subjetivo e sensível; superstição e estereotipia, a crença em fatores místicos na vida das pessoas e em categorias rígidas para fundamentar o mundo; poder e “resistência”, atração e identificação por figuras autoritárias e na afirmação do mais forte contra o mais fraco; destrutividade e cinismo, hostilidade geral contra determinados valores humanos; projetividade, tendência em julgar o mundo como um espaço perigoso e a projeção para fora de impulsos emocionais inconscientes; sexo, uma fixação e preocupação com a atividade sexual dos outros.

A escala AS enfatiza o preconceito e no seu desdobramento ideológico antissemita para pensar orientações psicológicas antidemocráticas que venham a atuar no ambiente social. A escala E demonstra o nível das relações positivas e negativas entre o grupo entrevistado e outros grupos étnicos, recai na ideologia do etnocentrismo e expõe a hostilidade do primeiro com o segundo. A escala PEC busca fornecer mediante a análise de padrões da ideologia político-econômica presente no sujeito a dimensão conservadora em contrapartida a dimensão

⁵ ADORNO, Theodor. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel J.; SANFORD, R. Nevitt. *The Authoritarian Personality*. New York: Norton, 1982.

⁶ We say “potential” because we have not studied individuals who were avowedly fascist or who belonged to known fascist organizations. At the time when most of our data were collected fascism had just been defeated in war and, hence, we could not expect to find subjects who would openly identify themselves with it; yet there was no difficulty in finding subjects whose outlook was such as to indicate that they would readily accept fascism if it should become a strong or respectable social movement. (ADORNO *et al.*, 1982, p. 1).

liberal e a relação dela com o etnocentrismo (ADORNO *et al.*, 1982, p. 151). Outro ponto dessa escala é diferenciar o indivíduo conservador do pseudoconservador.

A LÓGICA POPULISTA DE LACLAU

O populismo é um termo que tem sido usado com frequência nos debates políticos. Ernesto Laclau (2013) vê o populismo como algo que surge em resposta às falhas do *status quo* e dos que estão no poder. Em vez de ser uma articulação particular de uma forma de estado, como em um estado populista, é uma força que empurra de volta o fracasso do *status quo* em atender às necessidades dos excluídos. Como operação política historicamente marginalizada, afirma Laclau, o populismo pode levar a uma política de emancipação para aqueles que foram desconsiderados como sujeitos políticos.

Ernesto Laclau associa o populismo ao conceito ontológico do político. Ele utiliza três categorias para explicar a lógica populista: o discurso, que vai além da fala, envolvendo uma reunião de símbolos que são derivados das relações e das diferenças entre as pessoas; os significantes vazios; e a hegemonia. Sendo o significante vazio um significante que não depende do seu significado, pois ele sofre um bloqueio de seus limites internos — aqueles mesmos que contribuem para a significação — de maneira exclusiva. O objetivo dos significantes vazios é reunir discursos de vários atores no ambiente social para assim atingir uma representação universal naquele espaço político, ou seja, eles acabam com as diferenças particulares e dão lugar a uma cadeia de equivalência deles. A hegemonia se faz presente quando um discurso particular se torna um discurso que abarca individualidades de uma falta social visando uma emancipação contra um inimigo em comum. O deslocamento retórico ocorre quando um elemento deixa de ser uma representação literal e passa a ser uma representação figurativa. Quando um elemento literal não pode ser substituído por um elemento figurativo, tem-se uma catacrese (LACLAU, 2013).

Para Ernesto Laclau (2013, p. 118-120), a categoria da totalidade é uma pré-condição para o significante vazio. A noção é definida por Laclau como um objeto que é “necessário e impossível” na forma pós-estruturalista. Desde que a totalidade inclua todas as outras diferenças, deve haver algo a mais, necessariamente uma parte da totalidade, que ela expulsa de si mesma. No que diz respeito ao elemento excluído, os elementos incluídos estão em uma relação de diferença. Com relação um ao outro, eles estão em uma relação de equivalência. Como parte de um dos lados, eles agem de acordo com uma lógica de equivalência, e agem de acordo com uma lógica de diferença com respeito para o externo, ao excluído do outro.

Para que a totalidade se torne tal — devido à sua abertura constitutiva — é necessário que uma de suas partes ocupe o lugar do todo por meio de uma representação simbólica. Esse assumir o papel do todo por uma parcialidade, sem deixar de ser uma parcialidade, é o que Laclau chama de hegemonia. A operação hegemônica é uma forma de “assumir, por meio de uma particularidade, um significado universal incomensurável” (LACLAU, 2013, p. 120).

O “estado de ser” da parcialidade que representa a totalidade é o de um significante vazio. “Vazio” porque não tem conteúdo próprio. Por outro lado, significantes flutuantes surgem quando há uma luta hegemônica, e certas demandas sociais são destacadas de qualquer uma das cadeias equivalentes e concorrentes. Eles estão “flutuando” porque seu significado está suspenso na “na tentativa de constituir o ‘povo’ como um ator histórico a partir de uma pluralidade de situações antagônicas” (LACLAU, 2013, p. 187). O conflito já é a identidade de um significante flutuante particular, de uma palavra ou de um termo que está vinculado a uma contradição e assim não possui um significado determinado. Dentro de cada articulação do discurso, estratégias particulares de significação estão engajadas. Essas estratégias centram-se na constituição de cadeias de equivalência entre pontos nodais e na elevação de um ponto nodal particular ao status de um significante vazio.

A heterogeneidade, no trabalho de Laclau (2013), é interpretada como uma infinidade de locais de demandas. Assim, todo o espaço em que cadeias equivalentes opostas (um vínculo catexizado entre demandas sociais) competem não é, em última análise, envolvido pelos polos da luta. Isso implica que não existe um ponto privilegiado de contestação. Ao contrário, Laclau (2013) concebe uma heterogeneidade inerente como o fechamento da totalidade, o que o deixa aberto a novas lutas e mudanças. O que torna o conflito entre duas ou mais frentes políticas — cada uma representada por vários significantes vazios — frágil e nunca definitivo é a presença de significantes flutuantes, ou seja, de demandas que foram inscritas em uma ou outra frente. Os significantes flutuantes são demandas que podem ser interligadas por formações totalmente diferentes.

Laclau considera as demandas sociais como unidades de análise que são o cimento do grupo social:

Chamaremos uma demanda que, satisfeita ou não, permanece isolada, será denominada por nós uma *demanda democrática*. Uma pluralidade de demandas que, através de sua articulação equivalente, constitui uma subjetividade social mais ampla, serão denominadas *demandas populares* (2013, p. 124, grifo do autor).

Quando as demandas democráticas se tornam demandas populares por meio da articulação de uma cadeia equivalente, elas são representadas por meio de um significante

vazio. A lógica da diferença se aplica às demandas democráticas, enquanto a lógica da equivalência se aplica às demandas populares. Enquanto o primeiro pode ser absorvido pelo sistema institucional, o último não pode.

A noção de povo é uma forma de constituir a unidade de um grupo; emerge por meio do surgimento de demandas sociais que passam de meras solicitações a demandas. O populismo na verdade constrói o próprio grupo. A representação de uma totalidade por apenas uma parte significa que a sociedade foi efetivamente dividida em dois campos, o que Laclau chama de “uma divisão antagônica da sociedade”. A pluralidade das demandas sociais do lado popular (lado dominado dessa dicotomia) é o que passa a representar a identidade global. A noção de uma identidade popular é o que move a identidade de grupo além de meros sentimentos vagos de solidariedade (LACLAU, 2013).

Inicialmente, surgem demandas sociais que podem vir de diferentes grupos empiricamente observáveis, e esses grupos tornam-se ligados por meio e em virtude deles. A identidade popular, que deveria cristalizar a classe formada pela vinculação das demandas sociais (LACLAU, 2013). A próxima etapa é a inversão da relação entre o vínculo e as demandas. As demandas vêm primeiro e causam o elo. Uma vez que isso aconteça, para que a identidade popular se cristalize, o vínculo tem que ter precedência sobre as demandas e, de fato, tem que se tornar o próprio terreno para essas mesmas demandas.

Agora, a demanda que é cristalizada pela inversão é dividida, e novamente vemos uma relação entre o particular e o universal. Por um lado, a demanda é particular, pois vem de baixo, por assim dizer; é a demanda de um segmento oprimido ou dominado da sociedade contra o poder estatal hegemônico. Por outro lado, entretanto, a demanda popular deve representar uma totalidade mais ampla, e ser o que Laclau chama de “a totalidade da cadeia das demandas de equivalência”, que é outra maneira de chamá-la de forma do significado universal (LACLAU, 2013, p. 153). Isso só pode ocorrer se houver uma “construção de uma identidade global a partir da equivalência de uma pluralidade de demandas sociais” (LACLAU, 2013, p. 137). A cristalização da identidade popular por meio desse processo, junto com suas demandas, é o meio para a emancipação.

Internamente, Laclau (2013, p. 128) afirma que existem três principais dimensões estruturais para a existência de populismo:

A unificação de uma pluralidade de demandas numa cadeia de equivalência; a constituição de uma fronteira interna, que divide a sociedade em dois campos; e a consolidação da cadeia de equivalência por meio da construção de identidade popular que é algo quantitativamente maior do que a simples soma dos laços de equivalência.

A política é sempre uma tensão contínua e nunca resolvida entre lógicas de equivalência e lógicas de diferença. Para Laclau, todo agente social faz diferença em relação a qualquer outro, então, o que conta são as diferenças. Na política para que essas diferenças se agreguem e formem um sistema é necessária uma espécie de pseudo-totalidade, graças à qual as demandas de vários agentes se equivalem. O esteio da teoria de Laclau consiste em dizer que essa totalidade a que toda entidade política aspira de fato é sempre uma totalidade perdida, uma totalidade fracassada. A política é sempre um processo totalizante, mas vive sempre de uma totalização incompleta.

JAIR BOLSONARO: O DESGOVERNO POPULISTA

Um dos pontos de partida do movimento populista autoritário foram as crises políticas e econômicas do primeiro governo de Dilma Rousseff (2010–2014), resultado da crise financeira global de 2007. A crise elevou os níveis de desigualdade, especialmente desigualdade de oportunidades, acarretando grandes custos sociais. A desigualdade arraigada de resultados acaba prejudicando significativamente as escolhas educacionais e ocupacionais dos indivíduos. Em particular, os cidadãos podem perder a confiança nas instituições, corroendo a coesão social e a confiança no futuro (STIGLITZ, 2012). Além de afetar os motores de crescimento, a desigualdade pode resultar em escolhas ruins de políticas públicas. Por exemplo, pode levar a uma reação contra a liberalização econômica que aumenta o crescimento e alimenta as pressões protecionistas contra a globalização e reformas orientadas para o mercado (CLAESSENS; PEROTTI, 2007). Ao mesmo tempo, o poder aprimorado pela elite pode resultar em um fornecimento mais limitado de bens públicos que aumentam a produtividade e o crescimento, e que beneficiam desproporcionalmente os pobres.

O pagamento da dívida pública requer uma redução nos gastos do governo, um aumento de impostos ou uma combinação de ambos. Se os aumentos dos impostos de renda forem progressivos, eles podem não ser totalmente sentidos pelos pobres, mas os aumentos dos impostos sobre os bens de consumo afetarão todos os cidadãos. Os pobres podem sentir esse imposto aumentar mais do que os ricos, já que sua propensão marginal a consumir seria teoricamente maior do que suas contrapartes mais ricas. Foi assim que surgiu as

manifestações no ano de 2013 na cidade de São Paulo, inicialmente com o MPL (Movimento de Passe Livre) reivindicando o preço das tarifas de ônibus⁷.

As manifestações foram convocadas pela internet e obtiveram uma grande adesão por parte da população. A partir da primeira, houve um aumento no número de pessoas e das demandas populares que foram criando uma cadeia de equivalência nesse período entre os manifestantes. Outras capitais do país também tiveram manifestações nas ruas com outras demandas locais e algumas em comum. O antagonismo já existente entre “povo” e “políticos corruptos” cresceu, assim como a fronteira interna do poder e o “povo”.

Em um segundo momento houve a derrota de Aécio Neves nas eleições presidenciais de 2014 para Dilma Rousseff, um movimento com uma demanda e pautas específicas. Portanto, trata-se de um movimento com uma construção discursiva já minimamente articulada no que tangem as relações antagônicas esquerda e direita, que conseguiram vários partidos e atores políticos. Os petistas conseguiram criar uma inclusão social em relação aos governos anteriores de direita, vários projetos foram criados como Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida e as cotas nas universidades para negros, para alunos do ensino médio público e para índios⁸. Essas políticas públicas incomodaram as elites do país, já que agora os excluídos estavam reivindicando seu espaço.

A derrota do PSDB para o PT nas eleições presidenciais de 2014 ocupou a lugar de grupo hegemônico nessa primeira etapa das manifestações e suas convocações foram capazes de articular todo um campo político. Tais críticas, em quase todos os casos, estavam relacionadas ao que podemos denominar de forma da democracia, isto é, uma crítica à maneira como o governo federal e, em especial, o Congresso Nacional vem governando o país, por meio de acordos para a nomeação de cargos políticos.

A terceira etapa da construção populista se inicia com a Operação Lava Jato⁹ que começou em 17 de março de 2014 pela Polícia Federal, com o objetivo apurar um grande esquema de lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobras e as grandes empreiteiras do país. A mídia televisiva e jornalística produziu uma série de propagandas anticorrupção massiva com dois atores: Sergio Moro e Deltan Dallagnol. O vazamento de informações sigilosas na época da Operação Lava Jato provocou de forma negativa a população, causando um sentimento de

⁷ Para mais informações: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44353703>. Acesso em: 25 set. 2021.

⁸ Para mais informações ver: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2012.711%2F2012,educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20jovens%20e%20adultos>. Acesso em: 25 set. 2021.

⁹ Para mais informações, procurar em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em: 28 set. 2021.

ódio contra o PT e aos partidos políticos de esquerda. Esta situação dividiu o espectro político entre aqueles que viam o sistema parlamentar corrupto de esquerda como o inimigo comum e pressionavam por medidas extrainstitucionais.

A quarta etapa aconteceu no dia 17 de abril, na Câmara dos Deputados, quando o *impeachment* da presidenta Dilma — o golpe político, no Brasil — foi desferido por grande maioria. Mas sua preparação levou anos, com o trabalho de deslegitimação dos governos eleitos, levado a cabo pela mídia, pelos institutos privados destinados à disputa ideológica e pelos movimentos espontâneos. A corrupção e a justiça se consolidaram como um significante vazio dessa etapa. Esses significantes vazios — que foram interiorizados como uma identidade pela maioria da população brasileira — surgiram depois de anos de propaganda e de esforços para atacar os governos de esquerda. Na realidade social, o impulso que levou aos conflitos políticos são as várias demandas reunidas em uma identidade popular.

A última etapa culminou com a vitória de Jair Bolsonaro na eleição de 2018. A propaganda eleitoral que antecede o governo Bolsonaro foi baseada no ataque em oposição ao PT, ao comunismo e a corrupção — significantes flutuantes. Os apoiadores de Bolsonaro fizeram uma verdadeira cruzada contra o que eles chamaram de “marxismo cultural” — um suposto movimento conspiratório que pretende converter os valores da sociedade em valores invertidos comunistas, com o intuito de produzir mais antagonismo na sociedade brasileira. A hegemonia por meio do surgimento das demandas populares, criou o vínculo que, por sua vez, tornou-se a base para o investimento afetivo radical.

Para manter o cacife eleitoral e o palco, é necessário que falem do Bolsonaro, polemizem com ele, exponham sua imagem e que se emitam notas de repúdio. Por isso, ele vai contra a racionalidade e açoita a moral e os bons costumes, ferindo a dignidade política e afrontando o bom senso, tendo assim um imã para os votos e a permanência de seu eleitorado fiel. Ele invoca a força de Deus em suas falas, demonstra a imparcialidade do governo em relação à questão religiosa e se coloca como o “escolhido de Deus”, desconsiderando o Estado laico e aqueles que não creem em Deus. Uma forma de mesclar a religião com a política, o que facilita o fanatismo dos seguidores. A religião fornece um escudo moral para a decrepitude de caráter, um escudo usado não só para outrem, mas também para si mesmo. Um esforço para impor padrões morais, principalmente os valores da família heterossexual e os da religião neopentecostal, subtraídos de qualquer noção de bem público, mantendo o Estado longe do cidadão e perto da família e a da religião.

A maior força de Bolsonaro, aqui como um significante vazio, é sua imagem de forasteiro, guerreiro solitário, o sujeito que ironiza, humilha e sacaneia o *establishment*, esse grupelho que todo brasileiro associa a ladroagem, corrupção, privilégios, descaramento, empáfia. Ele se encaixa nas várias características da escala F formuladas no livro *The Authoritarian Personality* (1982) vinculadas a ideia de autoritarismo e de um indivíduo potencialmente fascista como: a crença no misticismo de seu poder político, a lógica da afirmação do mais forte, a guerra contra aqueles que vão contra os valores morais, a invocação de supostas leis naturais, os valores da tradição, o apreço à família em detrimento do indivíduo. Desta forma, ele consegue unificar o povo em torno de uma identidade coletiva com um lema antissistema e contrarregras institucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bolsonaro segue com seus discursos negacionistas e a naturalização de proposições absurdas, com a adesão ao movimento, principalmente do povo, construído pelos conflitos no decorrer dos últimos anos, sob a hegemonia do significante anti-esquerda e anticorrupção, trazendo demandas que outros projetos hegemônicos rivais também poderiam representar. Onde o ressentimento e a raiva são os combustíveis que produzem a efervescência do bolsonarismo. Eles precisam encontrar um inimigo ou um culpado e, ao mesmo tempo, um mito que compartilhe das mesmas ideias, com prerrogativas de um mundo melhor. Por isso Bolsonaro busca manter o viés reacionário atacando as instituições públicas, o poder judiciário e legislativo, como se estivesse protegendo o “povo” dos “inimigos” da Nação.

O objetivo de Bolsonaro é trazer o pensamento maniqueísta dos bons e honestos contra os feios, sujos e maus iniciados pelo marxismo cultural. Instalando-se como forma, atravessando classes e setores sociais, criando assim uma relação amigo-inimigo no campo político. Ele coloca no centro da disputa a cultura, os valores civilizatórios, as concepções de mundo e de organização da sociedade de forma pessoal.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel J.; SANFORD, R. Nevitt. **The Authoritarian Personality**. New York: Norton, 1982.

CLAESSENS, Stijn; PEROTTI, Enrico. Finance and Inequality: channels and evidence. **Journal of Comparative Economics**, v. 35, n. 4, p. 748–73, 2007.

HORKHEIMER, Max. **Between Philosophy and Social Science**: selected early writings studies in contemporary german social thought. Translated by G. Frederick Hunter, Matthew S. Kramer, and John Torpey. Massachusetts: The MIT Press, 1993.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

STIGLITZ, Joseph. **The Price of Inequality**: how today's divided society endangers our future. New York: W.W. Norton, 2012.